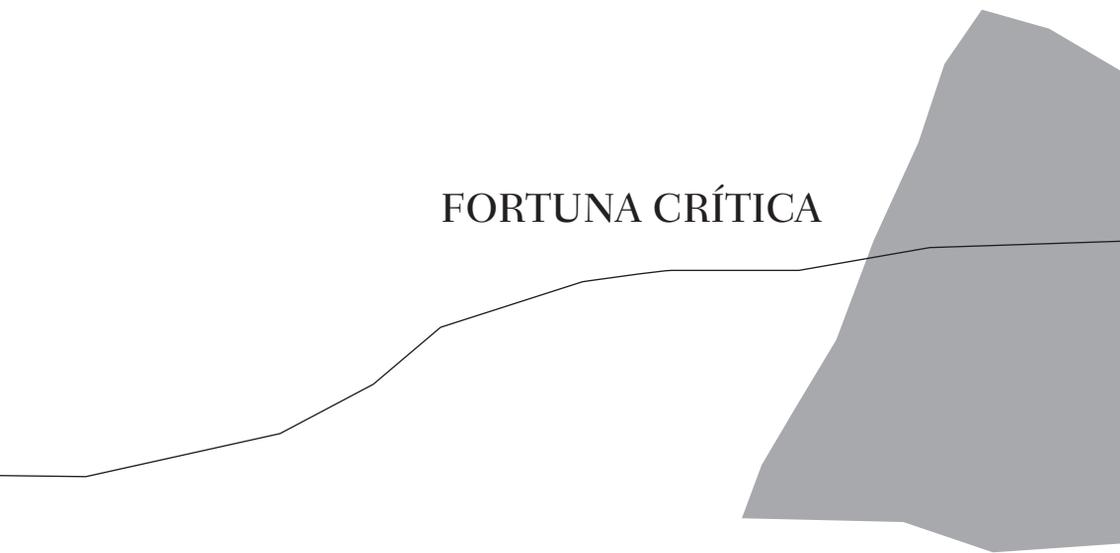


# FORTUNA CRÍTICA



## DOIS UNIVERSOS<sup>52</sup>

Ferreira Gullar

A revolução poética do modernismo brasileiro consistiu, como em todos os fenômenos desse tipo, num retorno à linguagem coloquial. Os poetas modernistas sacudiram fora, como imprestáveis, as palavras preciosas e a retórica rebuscada dos simbolistas e parnasianos. E com elas se foi também uma visão de mundo melancólica ou “literária”, que nada tinha a ver com os modernos tempos do automóvel e do avião. Em lugar de lírios, zéfiros e cinamomos, a poesia passou a falar de “cinema poeira”, fábricas, bondes e “sabíá com certidão de idade”. A partir dessa linguagem banal construiu-se uma nova linguagem literária, que, mesmo quando teve que indagar pelo permanente, evitou afastar-se das palavras correntes e do tom prosaico.

Dentro dessa perspectiva, a poesia de Henriqueta Lisboa aparece como um caso especial, conforme evidencia a leitura deste volume, onde se encontram poemas de hoje e de seus livros anteriores, à exceção dos três primeiros: *Fogo-fátuo* (1925), *Enternecimento* (1929) e *Velário* (1936). A poesia de Henriqueta Lisboa não tem suas raízes na renovação literária de 1922 e, no fundamental, pouco ou nada aproveita dela. Suas raízes estão no simbolismo que se prolonga através da poetisa mineira, renovado em alguns aspectos de sua linguagem, por influência talvez dos modernistas. A filiação

52 In: Revista *Veja*, São Paulo, p. 96-97, 1º de março de 1978.

simbolista de Henriqueta está assinalada no prefácio de Maria José de Queiroz, que a aproxima de Mallarmé e Valéry, mas não menciona Alphonsus de Guimaraens, bem mais próximo de nós e da poetisa brasileira.

A herança simbolista se manifesta em seu vocabulário: topázios / lírios / lívidas / violácea / nácar / vestes brancas / verônica / virginal odor / névoas / nostalgia / ébano / ouro / etéreo, etc., etc. Mas não só nas palavras e expressões: é “simbolista” a sua maneira de ver e sentir o mundo. E daí porque a sua poesia parece feita de costas para a história, alheia a ela, na tentativa de captação de um tempo essencial que se traduz em silêncio e solidão. Aqui e ali percebe-se alguma coisa da realidade objetiva, mas logo os liames se rompem e o poema se abisma nessa busca do impalpável, do indizível: a linguagem se ritualiza e se converte numa rede de palavras-símbolos. É inevitável que isso aconteça, porque, se o discurso se afasta das referências concretas, determinadas palavras aparecem como signos ou símbolos da realidade impronunciável. Por isso mesmo, enquanto a linguagem poética nascida do modernismo manteve-se aberta (é imprecisa a fronteira entre a linguagem literária e a fala comum), a linguagem de Henriqueta Lisboa restabelece os limites claros entre os dois universos.

Essa observação é bem mais pertinente à última fase de sua obra, quando se verifica também uma redução do sentimento simbólico em favor da elaboração mais intelectual. Ilustram bem essa diferença o poema “Miradouro”, da última fase, e “Os lírios”, da fase anterior. No primeiro, a elaboração se faz, por assim dizer, de fora, enquanto no segundo a experiência poética se manifesta como aspiração a uma aventura pessoal: “Certa madrugada fria / irei de cabelos soltos / ver como crescem os lírios”. Exemplo de fidelidade a si mesma e de dedicação ao trabalho poético, a obra de Henriqueta Lisboa realiza a passagem e o vínculo entre duas épocas da poesia brasileira.